



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14546 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT06 - Educação Popular

LEITURAS AO VENTO, PALAVRAS ENCARNADAS: PESQUISANDO OS SENTIDOS DA LEITURA NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO POPULAR

Tallita Stumpf Moreira - UCP - Universidade Católica de Petrópolis

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

LEITURAS AO VENTO, PALAVRAS ENCARNADAS: PESQUISANDO OS SENTIDOS DA LEITURA NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO POPULAR

Resumo: Esta pesquisa teve como objetivo investigar leituras da literatura de massa entre jovens leitoras em um grupo formado via WhatsApp, composto por 20 participantes, com idades entre 13 e 18 anos. O encontro com os sujeitos da pesquisa se deu através de páginas no Facebook voltadas para essas produções literárias. Os referenciais teórico-metodológicos são formados a partir da educação popular e da pesquisa com o cotidiano, em diálogo com Paulo Freire (2018) e com Regina Leite Garcia (2003). Buscou-se compreender a leitura com base nas categorias de leitura do mundo e de táticas e estratégias (CERTEAU, 1994). Adotou-se na pesquisa o movimento da deriva (ESTEBAN, 2003), o paradigma indiciário e o rigor flexível (GINZBURG, 1989), recolhendo imagens, falas e propostas que emergiram no cotidiano, interpretadas como indícios. A partir desses indícios foram formuladas perguntas que, em diálogo com a Pedagogia da pergunta (FREIRE, 2021), estruturam todo o trabalho. A leitura do mundo e da palavra, as várias formas de ser leitor(a) e a escola foram os temas que emergiram em nosso cotidiano, demonstrando que uma compreensão unidimensional não permite visibilizar a complexidade das leituras que os sujeitos fazem do mundo e da palavra.

Palavras-chave: Educação popular, cotidiano, leitura.

INTRODUÇÃO

Os “textos”, as “palavras”, as “letras” daquele contexto se encarnavam também no assobio do vento, nas nuvens do céu, nas suas cores, nos seus movimentos [...] (FREIRE, 1989, p. 10).

A relação entre palavra e mundo é o que constitui a leitura como ato de conhecer e como possibilidade de (re)escrever o mundo. Os “textos”, as “palavras” e as “letras” de que fala Freire encarnavam-se no assobio do vento e nos movimentos das nuvens que atravessaram o contexto de sua alfabetização no quintal de casa. Ali, as palavras não eram somente decodificadas, mas tinham seus sentidos decifrados e recriados.

Os ventos que atravessam esta pesquisa não são os mesmos que os do educador pernambucano, embora tenham muita coisa em comum. Esses ventos são os que sopraram no cotidiano do grupo *Leitoras e suas páginas ao vento*. As palavras que nos uniram neste grupo, a princípio, foram aquelas advindas da literatura de massa, que segundo Sodré (1978), é a literatura produzida com base no processo de produção e consumo que rege o mercado, não a criação artística.

O alto consumo desses produtos advindos da cultura de massa, sobretudo pelo público infantojuvenil, tem levantado diversas discussões nos mais variados campos de pesquisa. Este cenário ora se configura como responsável pela alienação e passividade de jovens e adolescentes, ora como possibilidade de salvação para uma geração que muito pouco se interessa pela leitura literária.

A percepção que se tem de leitores(as) dessa literatura geralmente é associada a uma imagem unidimensional de alienação e passividade. No entanto, ao acompanhar grupos no Facebook voltados para esses sujeitos e ler as experiências de leituras que compartilhavam neste ambiente, as falas desses(as) jovens demonstravam mais do que essa unidimensionalidade permite enxergar.

Longe de abrir mão de uma interpretação crítica deste cenário, - pois fazê-lo seria compactuar com o atual sistema econômico capitalista, responsável pela desumanização dos sujeitos e pela produção de desigualdades - a pesquisa teve como fio condutor as seguintes

perguntas: para que e como se formam sujeitos leitores(as)? Qual é a importância dos objetos literários escolhidos para esse processo de formação? É possível uma perspectiva pedagógica que não exclua as experiências de leitura desses sujeitos, sem negligenciar as implicações ideológicas inerentes à literatura de massa?

PESQUISAR COM: AD-MIRANDO COLETIVAMENTE

Tomando a leitura da palavra como leitura do mundo, em diálogo com Freire (1989), a pesquisa também buscou interpretar a leitura da literatura de massa com base nas categorias de táticas e estratégias propostas Michel de Certeau (1994). Sendo a estratégia um lugar de poder e saber, esta configura-se como campo privilegiado do forte, que busca hierarquizar e dividir para assim impor maneiras de ser, pensar e sentir advindas das lógicas de grupos dominantes. Já a tática, esta é o espaço do fraco que, não tendo um lugar de poder do qual possa exercer controle, aproveita a ocasião, com suas *astúcias*, produzindo diferenças.

Neste sentido, a literatura de massa é interpretada como o lugar da estratégia, no qual o sistema capitalista produz objetos culturais padronizados. No entanto, ao voltar o olhar para as práticas de leituras, essas são interpretadas como o espaço do ordinário, no qual os sujeitos comuns exercem suas táticas sobre os objetos culturais impostos.

Para responder às perguntas que impulsionaram a pesquisa, era preciso um encontro para o diálogo com esses sujeitos. O grupo foi formado via WhatsApp, por 20 participantes, com idades entre 13 e 18 anos, de diversos estados do Brasil, a partir de grupos no Facebook utilizados por jovens leitores(as), nos quais foi postado um convite para a participação na pesquisa.

O grupo é um cotidiano “inventado” com o qual a pesquisa foi realizada. Longe de compreendê-lo como lugar da rotina e da reprodução, o cotidiano é interpretado como o espaço no qual os sentidos do que é vivido são produzidos. Nas palavras de Regina Leite Garcia, o cotidiano nos permite escavar “o microcosmo onde o macrocosmo se revela em suas formas singulares, surpreendentes, embaraçosas, que por vezes nos abrigam a incursão sem âncora ou bóia” (GARCIA, 2003, p. 9).

Compreendendo o diálogo como fundamento, objetivo e princípio da educação popular (MEJÍA, 2020), o mergulho no cotidiano se deu através do mergulho no diálogo com

os sujeitos da pesquisa. No primeiro dia de conversas, após a apresentação de todas as participantes, fui levada à incursão feita sem “âncora” ou “boia”. Várias conversas foram se estabelecendo naquela única tela de mensagens do aplicativo. Livros favoritos, personagens, autores(as), datas de aniversários, signos, nomes iguais, datas de aniversário em comum, propostas de “leitura coletiva”. O diálogo foi tecendo as redes do *espaçotempo*, o nosso cotidiano.

Assumi neste trabalho o movimento da deriva, que, em diálogo com Maturana, foi trabalhado e proposto por Maria Teresa Esteban como possibilidade de construir coletivamente o caminho da pesquisa, sem congelá-lo, na tentativa de não invisibilizar as singularidades dos sujeitos com os quais pesquisamos. Segundo a autora, estar à deriva

não significa poder ir em qualquer direção, mas seguir a direção possível no âmbito das interações efetivamente realizadas. [...] A deriva nos ajuda a compreender o processo através do qual os sujeitos vão sendo singularmente marcados em processos coletivos e neles também vão deixando marcas singulares. (ESTEBAN, 2003, p. 203)

Neste movimento de deriva, fui participando do cotidiano do grupo e das conversas que iam se estabelecendo, tentando observar em nossas interações e falas possíveis indícios, baseada no *paradigma indiciário* e no *rigor flexível*. Isso porque, conforme afirma Ginzburg, o paradigma indiciário é um modelo epistemológico encontrado em métodos utilizados na história da arte, em romances policiais e na própria psicanálise, que permite acessar, através do detalhe, a profundidade do que se apresenta como pequeno.

Já presente no cotidiano dos primeiros caçadores, a leitura de pistas está intimamente ligada ao ato de narrar, uma vez que a interpretação dos traços imperceptíveis para a maioria das pessoas é o que permite reconstituir, através da narrativa, realidades não vivenciadas diretamente. Neste sentido, a rigidez das pesquisas quantitativas torna-se incompatível com a pesquisa com o cotidiano, uma vez que este está em constante movimento, muitas vezes se apresentando de forma fugidia e opaca. Por isso a necessidade de se adotar um rigor flexível, pois “nesse tipo de conhecimento entram em jogo (diz-se normalmente) elementos imponderáveis: faro, golpe e vista, intuição” (GINZBURG, 1989, p. 179).

As reflexões tecidas ao longo da pesquisa se deram a partir do “exercício de escovar palavras”. Em diálogo com Manoel de Barros, Eckhardt propõe esse exercício como uma

forma de trabalho e de cuidado com a palavra, reconhecendo que estas não possuem um sentido único. Assim, “escovar palavras torna-se um movimento de alternância: ora escovar com cuidado, para não danificar a palavra e tudo que a ela se grudou, ora com força, para desprender o que se acumulou e, por vezes, sedimentou-se, tornando aquela palavra outra” (ECKHARDT, 2020, p. 38).

Assim, fui recolhendo os indícios, falas, imagens, formas de interagir, que foram emergindo em nosso cotidiano. Esse movimento se deu a partir da escrita de um diário de campo e da leitura atenta do arquivo de conversas do WhatsApp. Após reunir esses indícios, eles foram agrupados em temas comuns que deram origem aos capítulos da pesquisa: a leitura de mundo, sujeito leitor e escola. Cada um desses temas foi acompanhado por um conjunto de perguntas formuladas pela inquietação gerada em mim pelos diálogos tecidos com as participantes da pesquisa.

A Educação Popular, sendo um paradigma que se fundamenta no diálogo, buscando desenvolver uma leitura crítica do mundo para transformá-lo coletivamente, não se constrói a partir da imposição autoritária, mas a partir da “compreensão pedagógico-democrática do ato de propor” (FREIRE, 2021, p. 66). Por isso, esse movimento da pergunta, que estrutura todo o trabalho, é sustentado pela Pedagogia da Pergunta, que consiste na democratização do conhecimento a partir da compreensão de que este não é dado, mas produzido. Perguntar, portanto, torna-se imprescindível em toda prática pedagógica que, situada em determinado contexto, está comprometida com a prática da liberdade, uma vez que a pergunta é o princípio do conhecimento.

Em nossas conversas, a complexidade da leitura foi aparecendo nas falas das participantes, entrecruzando a leitura da palavra e a leitura do mundo, demonstrando que as experiências dos sujeitos vão além da palavra que leem, uma vez que os saberes e as histórias que carregam consigo são frutos de diálogos e experiências de outros muitos espaços, com outros muitos sujeitos.

Além da imagem social negativa construída sobre leitores(as) da literatura de massa, o encontro com as participantes da pesquisa foi demonstrando outros lugares em que estratégias de construção da imagem do(a) leitor operam como instrumento de opressão e hierarquização, seja através da cultura escolar hegemônica, seja através do próprio mercado. Esta imagem, por diversas vezes, foi questionada pelas próprias participantes que, refletindo sobre suas experiências, iam demonstrando as contradições entre as diferentes percepções do que significa ser leitor(a).

Apesar da pesquisa ter sido realizada fora da escola, este foi um espaço que emergiu em nossas discussões, demonstrando as contradições da escola enquanto espaço de luta política. Se por um lado a escola aparece como lugar de produção de angústias e exclusão, por outro ela aparece como espaço de solidariedade e formação que encontra diálogo com o cotidiano dos(as) estudantes, potencializando reflexões e ações que abrem caminho às pequenas esperanças (WALSH, 2017) e à transformação social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa, em diálogo com jovens leitoras, apoiada nos princípios da pesquisa com o cotidiano e da Educação Popular, buscou investigar as relações entre leitor(a), literatura e autor(a). Desse diálogo, tecido na pluralidade de experiências e leituras que se fizeram presentes em nosso cotidiano, emergiram dúvidas, perguntas, inquietações e, sobretudo, pequenas esperanças.

Embora a literatura de massa tenha sido o ponto inicial para a realização do trabalho, os ventos trazidos pelas participantes da pesquisa movimentaram e reviraram muitas páginas que pareciam cristalizadas. Com seus jeitos e formas de dizer, narraram suas experiências da leitura da palavra e da leitura do mundo, evidenciando contradições e possibilidades, ultrapassando a leitura da literatura de massa e abarcando dimensões complexas e profundas acerca do ato da leitura.

Se a literatura de massa, regida pelas regras do mercado, regras estas que produzem desigualdades e perpetuam violências, tem chegado cada vez mais ao público jovem, o trabalho de professores(as) comprometidos com a transformação social também tem chegado. Se a cultura da competição e da meritocracia tem lançado seus tentáculos sobre a escola e sobre os mais diversos âmbitos da sociedade, a solidariedade também tem chegado, afrouxando esses tentáculos.

Além das reflexões suscitadas, a pesquisa resultou ainda em outras perguntas, principalmente porque os saberes desses sujeitos envolvidos no processo da pesquisa colocam em xeque concepções hegemônicas acerca do ato de ler, exigindo um processo de acolhimento e afirmação desses saberes, em sua pluralidade e legitimidade.

Refletir sobre a leitura a partir da Educação Popular permite ver as pequenas fissuras que os

sujeitos vão abrindo no próprio cotidiano, denunciando a desumanização e anunciando lógicas outras que, ainda que invisibilizadas, se fazem presentes e ecoam das práticas cotidianas dos sujeitos, demonstrando que “há uma esperança, não importa que nem sempre audaz, nas esquinas das ruas, no corpo de cada uma e de cada um de nós” (FREIRE, 2013, p. 14).

REFERÊNCIAS

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

ECKHARDT, Fabiana. **O outro sou eu também: a formação de professores das classes populares em diálogo com Paulo Freire e Enrique Dussel**. Curitiba: Appris, 2020.

ESTEBAN, Maria Teresa. Dilemas para uma pesquisadora com o cotidiano. *In*: GARCIA, Regina Leite (org.). **Método: pesquisa com o cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 199-212.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam** / Paulo Freire. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma pedagogia da pergunta**. 11a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GARCIA, Regina Leite (org.). **Método: pesquisa com o cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. *In*: GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 143-180.

MEJÍA, Marco Raúl. **Educación popular: Raíces y Travesías: de Simón Rodríguez a Paulo Freire**. Bogotá: Ediciones Aurora, 2020.

SODRÉ, Muniz. **Teoria da literatura de massa**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1978.

WALSH, Catherine. Gritos, grietas y siembras de vida: Entretejeres de lo pedagógico y lo decolonial. *In*: WALSH, Catherine. **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de**

resistir, (re)existir y (re)vivir. Tomo II. Quito: Abya-Ayala, 2017. p. 17-48.